



Os impactos da COVID-19 na saúde dos profissionais de enfermagem

The impacts of the COVID-19 on the health of nursing professionals

El impacto de la COVID-19 en la salud de los profesionales de enfermería

Diney Matos da Silva¹, Ana Lúcia Pereira da Costa¹, Daniele Muniz da Costa¹, Laura Beatriz Queiroz do Nascimento¹, Vivianny Kemelly de Souza Nunes¹, Keliene Venancio da Cunha¹, Larissa Brito da Costa¹, Anizelma Dantas Barbosa¹, Deliany Mendes da Silva Batista¹, William Bezerra Leite¹.

RESUMO

Objetivo: Realizar um levantamento na literatura sobre os impactos da COVID-19 na saúde dos profissionais de enfermagem. **Revisão bibliográfica:** A COVID-19 representou o mais importante problema mundial de saúde pública dos últimos 100 anos. Os profissionais de enfermagem estiveram na linha de frente da pandemia, presentes em toda a rede de atenção à saúde, vivenciando impactos em sua saúde. A pandemia revelou que as taxas de prevalência da depressão, ansiedade, e insônia dos profissionais de enfermagem aumentaram neste cenário. Diversas exigências marcaram o exercício profissional da enfermagem, tendo de lidar com dor, perda, sofrimento e morte. Esse sofrimento psíquico repercute na vida do profissional, no âmbito psicossocial e no bem-estar geral. **Considerações finais:** A pandemia da COVID-19 possibilitou refletir sobre o contexto trabalhista em que esses profissionais estão inseridos e atuando há vários anos. Condições que são prejudiciais para a saúde física, mental e social dos trabalhadores que foi agravada nesse período.

Palavras-chave: Trabalhadores de enfermagem, Doença por Coronavírus 2019, Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

Objective: To survey the literature on the impacts of the COVID-19 on the health of nursing professionals. **Literature review:** COVID-19 has been the most important global public health problem of the last 100 years. Nursing professionals have been on the front line of the pandemic, present throughout the health care network, experiencing impacts on their health. The pandemic has revealed that the prevalence rates of depression, anxiety and insomnia among nursing professionals have increased in this scenario. Several demands have marked the professional practice of nursing, having to deal with pain, loss, suffering and death. This psychological suffering has repercussions on the professional's life, psychosocial environment and general well-being. **Final considerations:** The COVID-19 pandemic has made it possible to reflect on the labor context in which these professionals have been working for several years. These conditions are detrimental to the physical, mental and social health of workers, which was aggravated during this period.

Keywords: Nursing workers, Coronavirus disease 2019, Worker's health.

RESUMEN

Objetivo: Examinar la bibliografía sobre las repercusiones de la COVID-19 en la salud de los profesionales de enfermería. **Revisión de la literatura:** El COVID-19 ha sido el problema de salud pública mundial más importante de los últimos 100 años. Los profesionales de enfermería han estado en la primera línea de la pandemia, presentes en toda la red asistencial, experimentando impactos en su salud. La pandemia ha revelado que las tasas de prevalencia de depresión, ansiedad e insomnio entre los profesionales de

¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Coari - AM.

enfermería han aumentado en este escenario. Diversas demandas han marcado la práctica profesional de la enfermería, teniendo que lidiar con el dolor, la pérdida, el sufrimiento y la muerte. Este sufrimiento psicológico repercute en la vida del profesional, en su entorno psicosocial y en su bienestar general. **Consideraciones finales:** La pandemia del COVID-19 ha permitido reflexionar sobre el contexto laboral en el que trabajan estos profesionales desde hace varios años. Las condiciones perjudiciales para la salud física, mental y social de los trabajadores se han agravado durante este período.

Palabras clave: Trabajadores de enfermería, Enfermedad por coronavirus 2019, Salud de los trabajadores.

INTRODUÇÃO

O coronavírus é um vírus que faz parte de uma família extensa de vírus zoonóticos parecidos, sendo o SARS-CoV-2, descoberto no final de 2019 após um aumento significativo de casos na China, o responsável pela doença conhecida como COVID-19. Foi somente em março de 2020 que a Organização Mundial de Saúde (OMS) veio a reconhecer que aquele momento de emergência em saúde se tratava de uma pandemia (LIMA CMAO, 2020).

A COVID-19 é o problema de saúde pública global mais grave dos últimos 100 anos, se igualando a gripe espanhola, que matou aproximadamente 25 milhões de pessoas entre 1918 e 1920. O aumento da propagação do SARS-CoV-2 alarmou a população em todo o mundo, especialmente os trabalhadores da saúde que, além de se tornarem mais vulneráveis a serem contaminados pela exposição ao vírus no trabalho, também foram responsáveis pelo combate e contenção do mesmo que até aquele momento era desconhecido. O aumento de doenças psicossomáticas entre inúmeros profissionais da saúde foi determinado por diversos fatores: alta carga horária de trabalho, a falta de embasamento científico para controle da infecção, falta de equipamentos de proteção individual (EPI), incerteza quanto à vacinação, entre outros (DUARTE PM, 2020).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde não apenas como a ausência de doenças no organismo humano, mas como uma situação perfeita de bem-estar físico, mental e social (SANTOS SVM, et al., 2019). No Brasil e no mundo, a crise sanitária proporcionada pela pandemia da COVID-19 criou a demanda de reflexão sobre antigas questões a cerca da proteção da saúde individual ou coletiva dos trabalhadores (SILVA LS, et al., 2020). Os serviços de saúde durante a pandemia da COVID-19 foram impactados criando exigências adicionais em recursos humanos, estruturas e insumos, bem como em forças de trabalho especializadas, o que desafiou os sistemas nacionais de saúde em vários países (RIBEIRO AP, et al., 2020).

A saúde do trabalhador no contexto da pandemia da COVID-19 tem se tornado um fator de saúde pública tendo em vista que os profissionais da área da saúde são os grupos de maior risco de contaminação. O tema sobre a saúde dos trabalhadores em saúde tem trazido grandes desafios para os pesquisadores e também para os profissionais que estão diretamente envolvidos nesse contexto (ALMEIDA IM, 2020). De acordo com o que a pandemia vai se alastrando, aumenta também a preocupação com a saúde pública na caracterização do ambiente e do processo do trabalho na transmissão da doença, e os riscos que os profissionais têm enfrentado durante esse período (SILVA LS, et al., 2020).

O exercício profissional não se limita à obtenção de rendimentos, além disso, é uma forma de integração social em que os aspectos mentais e físicos exercem um papel importante. O trabalho pode contribuir para a degradação, o envelhecimento e doenças graves, mas também pode possibilitar o desenvolvimento e o equilíbrio. A probabilidade de uma experiência de trabalho positiva está relacionada a um trabalho onde todos possam aliar as necessidades físicas e a vontade de cumprir a tarefa (DEJOURS C, et al., 1993). Os profissionais de enfermagem em várias situações passam por muitos desafios em sua prática profissional diária, como baixa valorização, salários baixos, má percepção do público, carga horária de trabalho alta, condições de trabalho estressantes e falta de prazer para trabalhar. Além disso, existe uma escassez de trabalhadores na área e formação com baixa qualidade, mesmo sendo uma profissão tradicional com considerável influência no trabalho em saúde e na ciência (MISHRA S, 2015).

Diante de um momento de intenso desafio, sob o ponto de vista de saúde, o profissional de enfermagem vivenciou o impacto emocional, que se iniciou com a disseminação do vírus. Diversas exigências marcaram o exercício profissional da enfermagem, tendo de lidar com dor, perda, sofrimento e morte. Esse sofrimento psíquico repercute na vida do profissional, no âmbito psicossocial e no bem-estar geral. Assim, o sofrimento do profissional da enfermagem relaciona-se às diferentes esferas, nos contextos laboral, social e familiar, pois existe a elaboração de estratégias que podem promover saúde mental e ofertar tratamento e reabilitação psicossocial aos profissionais de saúde (MIRANDA FBG, et al., 2021).

No Brasil, existem atualmente cerca de 583.682 enfermeiros, e mais de 1.379.000 técnicos e auxiliares de enfermagem (BARBERIA LG e GÓMEZ EJ, 2021). No contexto da pandemia, foram observados 49,86% de casos da COVID-19 entre profissionais de enfermagem. A taxa de letalidade foi de 2,31%, o que corresponde a um terço dos casos de morte da COVID-19 a nível mundial (COFEN, 2021).

Por estas razões, o trabalho de enfermagem tem sido extremamente exigente, com um aumento significativo na magnitude e intensidade da mesma, exigindo que os profissionais de saúde se adaptassem a novos protocolos de saúde, e alterações constantes na gestão de doenças (LAI J, et al., 2020). Esta fonte de insegurança e ansiedade é exacerbada à medida que mais profissionais de saúde foram afetados pela doença e assim afastados de suas funções (GÓMEZ-DURÁN EL, et al, 2020). O objetivo do estudo foi realizar um levantamento na literatura sobre os impactos da pandemia da COVID-19 sobre a saúde do profissional de enfermagem.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A pandemia da COVID-19 revelou que as taxas de prevalência da depressão, ansiedade, e insônia dos profissionais de saúde aumentaram neste cenário pandêmico (HOLMES EA, et al., 2020) e que os profissionais de enfermagem foram a maior parte da força de trabalho da linha da frente (TEIXEIRA CFS, et al., 2020). Os principais riscos que foram considerados por esses profissionais são a exposição ao vírus, o trabalho prolongado, impacto psicológico, fadiga, esgotamento profissional, estigma e violência, tanto física como psicológica (WHO, 2020).

Os profissionais da enfermagem das unidades cirúrgicas e aqueles com boas percepções profissionais estavam mais dispostos a participarem no combate à pandemia do que os profissionais que não tinham uma boa percepção da profissão (WOO T, et al., 2020). As experiências adquiridas no setor da UTI COVID durante a pandemia enfatizaram a necessidade da busca de qualificação teórica e prática dos trabalhadores de enfermagem e, portanto, de aprendizagem contínua. Os recém-formados tiveram a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho, o que agregou a experiência profissional como primeira experiência. Durante esta experiência, os profissionais, principalmente os enfermeiros, aprenderam lições importantes sobre métodos de tratamento e gestão de equipes como líderes (CONZ CA, et al., 2021).

Desta forma, vários técnicos em enfermagem e enfermeiros recém-formados iniciaram seus trabalhos diretamente em áreas muito complexas, como a unidade de terapia intensiva. Porém, conforme Almeida RO et al. (2019), os enfermeiros generalistas, diferentemente dos enfermeiros especializados em UTI, carecem de experiência e domínio em cuidados de pacientes críticos, o que dificulta a tomada de decisões, podendo levar à incerteza na prática da enfermagem. Essa realidade ficou ainda mais visível durante a pandemia da COVID-19 devido à falta de profissionais, principalmente daqueles com especialidade em UTI (THUSINI S, 2020; GONZÁLEZ-GIL, MT et al., 2021). Contudo, semelhantemente aos resultados deste estudo, enfermeiros recém-formados em uma pesquisa britânica descreveram satisfação com a sua contribuição para os cuidados diante da pandemia da covid-19 (SWIFT A, et al., 2020).

O bem-estar psicológico e a satisfação dos profissionais de enfermagem pode também agir positivamente no papel de liderança inclusiva e no combate à pandemia sendo uma característica importante da profissão. Outro impacto positivo da pandemia foi o reconhecimento da profissão a nível mundial (MISSEL M, et al., 2020). O ano de 2020 foi eleito como o ano da Enfermagem e vários movimentos foram organizados para dar visibilidade a profissão, mas foi a pandemia que tornou estes

profissionais tão notáveis (TRESTON C, 2020). Os sistemas de saúde podem ser sobrecarregados criando uma série de emoções como ansiedade, incerteza e medo entre o público em geral e os profissionais de saúde, especialmente para os trabalhadores de enfermagem, como pode ser visto em situações de surto infeccioso, como ocorrido com a COVID-19. Em decorrência da epidemia, aspectos comportamentais, psicológicos e físicos podem impactar negativamente e causar certos efeitos adversos como: dificuldade para trabalhar, dificuldade para dormir, insegurança, tristeza, aumento do consumo de tabaco, álcool e outras drogas, falta de disposição e algias em geral (TORALES J, et al., 2020).

Além disso, os profissionais de saúde, e especialmente os trabalhadores da enfermagem, encaram obstáculos adicionais durante epidemias de doenças infecciosas, incluindo o aumento da carga horária de trabalho, falta de recursos materiais e humanos, dúvidas sobre o êxito dos tratamentos realizados e preocupações sobre como gerir a sua própria saúde, de suas famílias e de seus pacientes (SOUZA LPS e SOUZA AG, 2020).

Além do medo da sua contaminação, estes trabalhadores da saúde tinham medo da contaminação dos colegas de trabalho, da sua família, e outros amigos, sentimentos de dúvidas e estigma, resistência em trabalhar e índices elevados de pedidos de dispensa do trabalho. Alguns trabalhadores relataram que sentiram emoções que nunca haviam experimentado antes. Esses profissionais trabalhavam de forma isolada, em alto risco, e tiveram e/ou estiveram em contato com colegas que foram infectados, sendo que alguns morreram em cerca de quatro meses (KANG L, et al., 2020).

Durante a pandemia da COVID-19, os trabalhadores da enfermagem também vivenciaram altos índices de dano psicológico, no Canadá, 47% desses trabalhadores disseram necessitar de apoio psicológico, na República Popular da China, os trabalhadores demonstraram altos índices de depressão (50%), ansiedade (45%) e dificuldades para dormir (34%); e finalmente, no Paquistão, uma grande proporção destes trabalhadores relatou dano psicológico moderado (42%) ou grave (26%) (UNITED NATIONS, 2020).

Os ensinamentos aprendidos com os efeitos da COVID-19 na saúde mental do pessoal da enfermagem que trabalha em outros países, bem como a observação das suas próprias realidades, realçaram a importância da efetivação de atividades estratégicas de cuidados psicossociais, fundamentado em evidências, como uma maneira de aliviar o estresse e o profundo sofrimento, além de prevenir danos futuros (DUAN L e ZHU G, 2020).

A prevalência de ansiedade entre os profissionais de enfermagem em revisão sistemática e meta-análise de 12 estudos realizados com 31.756 profissionais da saúde em Wuhan e Cingapura foi de 23,2% e a depressão em 10 estudos, com uma taxa de prevalência de 22,8%. Uma análise de subgrupo revelou diferenças de gênero e ocupação com profissionais de saúde do sexo feminino e enfermeiras exibindo taxas mais altas de sintomas afetivos em comparação com o sexo masculino e a equipe médica, respectivamente. Finalmente, a prevalência de insônia foi estimada em 38,9% em 5 estudos (PAPPA S, et al., 2020).

Durante a crise desencadeada pela pandemia, identificou-se uma clara fragilidade na definição dos procedimentos e fluxos para garantir o controle adequado de infecções. Além disso, foi observada uma escassez de profissionais de enfermagem devidamente preparados e qualificados para atender pacientes em estado grave. Essa situação contribuiu para aumentar a preocupação dos profissionais de enfermagem, resultando em impactos negativos em sua saúde (UNITED NATIONS, 2020).

Contudo, a situação se torna ainda mais complicada com as ações e decisões tomadas pelo governo. Um exemplo disso é a Medida Provisória (MP) 927/2020, que estabelece diretrizes trabalhistas para lidar com a situação de calamidade pública. O Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) expressa sua oposição a essa MP, pois ela enfraqueceu a proteção dos trabalhadores durante a crise sanitária, ao permitir que os profissionais de saúde trabalhassem até 24 horas seguidas e reduzissem seu tempo de descanso para apenas 12 horas. Destaca-se que, antes da pandemia, a classe da enfermagem já enfrentava desafios com a falta de profissionais e o excesso de tarefas, situações que foram agravadas pelas disposições da Medida Provisória. Isso elevou o risco de problemas de saúde entre os trabalhadores e de erros no atendimento. O

Conselho Federal de Enfermagem entrou com uma ação judicial contra a MP, enfatizando que o texto desrespeitava aqueles que estão na linha de frente do combate à pandemia, lidando com seus próprios receios para cuidar da população (COFEN, 2020).

Um fator importante que contribuiu para o sofrimento psicológico dos profissionais de enfermagem foi a falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), que enfrentaram escassez em todo o país, colocando os trabalhadores em alto risco de contaminação. Garantir a distribuição desses equipamentos aos profissionais que estão na linha de frente do combate à pandemia foi absolutamente crucial e urgente. Foi necessária uma cooperação entre o governo federal, estados, municípios, bem como os Conselhos Federal e Regional de Enfermagem (Cofen/Coren), para fornecer esses itens prioritários e garantir a eficácia dos serviços e a segurança dos profissionais envolvidos (HUMEREZ DC, et al., 2020)

A falta de condições apropriadas de trabalho se junta a dilemas éticos, já que a ausência de proteção tanto individual quanto coletiva para os trabalhadores aumentou o temor de contrair a doença. Isso pode levar, por exemplo, a evitar o contato com os clientes e se recusar a oferecer cuidados, o que compromete a qualidade do serviço. Sentimentos intensos de sofrimento mental surgem, devido à situação de quase morte, alienação e o estigma imposto pela sociedade, resultando em impactos persistentes e recorrentes na saúde mental e física (COFEN, 2020).

O impasse quanto à questão de viver e morrer sempre desempenhou um papel importante no ambiente da prática de enfermagem, mas carecia de maior discussão no momento da pandemia da COVID-19. É importante destacar a necessidade da capacitação dos trabalhadores para promover uma morte digna, utilizando medidas de confronto diante da morte e entender as emoções dos trabalhadores durante esse processo, pois esse é um momento difícil para os profissionais, sendo que acabam vivenciando a morte e a incapacidade para curar. Neste cenário pandêmico, o medo da morte tornou-se ainda mais acentuado devido ao potencial destrutivo do vírus, e esta situação tem se mostrado danosa à saúde mental dos trabalhadores da enfermagem (HUMEREZ DC, et al., 2020).

Nestas condições, é impossível não falar de sofrimento moral. A dor de talvez tiver que decidir entre quem irá viver e quem irá morrer. Tensões e sentimentos conflitantes para os trabalhadores da saúde e as pessoas em geral. A preocupação moral atinge a todos e deve ser considerado e debatido de forma aberta. Essa angústia moral é um sinal positivo, não anormal. Consideração é tentar fazer o que é certo, sabemos que às vezes não conseguimos, mas temos que continuar (KHOO EJ e LANTOS JD, 2020).

No decorrer da pandemia da COVID-19, os profissionais de enfermagem também passaram por altos índices de violência e constrangimento devido ao ambiente de pressão e insegurança, o que aumentou as tensões que já existiam no clima do trabalho da saúde. Qualquer que seja as suas formas, a violência que acontece no trabalho pode causar danos à saúde física e psicológica dos trabalhadores da enfermagem, além de prejudicar a qualidade da assistência prestada aos pacientes (ALVES JS, et al., 2022).

A agressão psicológica, por meio de abusos verbais e constrangimento, bem como a agressão física são as formas mais observadas entre trabalhadores que atuam na assistência direta ao paciente. Em certas situações, a violência mais vivenciada pelos trabalhadores foi a agressão verbal, principalmente por parte de colegas de trabalho, gestores e supervisores. Notadamente, relatos de abusos verbais, sexuais e físicos foram também relatados nas equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF), na atenção básica do SUS. Contudo, os casos de violência nessa atmosfera foram normalmente relatados pelos usuários, que é diferente do que acontece no ambiente hospitalar, na qual os agressores geralmente eram pessoas da família de pacientes e pessoas da equipe de trabalho. Pode ser que isso ocorra devido ao estado crítico das pessoas internadas com COVID-19, principalmente no início da epidemia. As altas demandas de trabalho podem também explicar o ataque a colegas de trabalho e outros trabalhadores da saúde (BUSNELLO GF, et al., 2021).

No contexto da pandemia, as estratégias de combate à violência contra os profissionais da enfermagem sejam no setor público ou privado, não atenderam às reais necessidades destes, pois foram implantadas de forma subjetiva pelos gestores com base na gravidade dos incidentes, sem analisar os

efeitos posteriores nas vítimas, testemunhas ou a própria categoria. A agressão contra os profissionais da enfermagem no decorrer da pandemia da COVID-19 foi reconhecida de forma ampla como um grave problema, com o qual vários países ainda debatem acerca dessa questão. É imprescindível que as instalações de saúde desenvolvam normas de segurança para os prestadores de cuidados e providenciem treinamento e os devidos recursos para ajudá-los a enfrentar as situações de violência e tensão associadas à pandemia (SOMANI R, et al., 2021).

As repercussões da pandemia na saúde psicológica dos profissionais da enfermagem serão certamente diversas e provavelmente de longa duração, ligados ao quadro geral da crise no setor da saúde. Contudo, a extensão dos impactos do sofrimento psicológico neste grupo de trabalho dependerá da consciência e dos esforços dos trabalhadores, das associações profissionais e da disposição política e social para minimizar os efeitos nocivos da pandemia neste grupo ocupacional (UNITED NATIONS, 2020).

Os profissionais de enfermagem refletem o cuidado para com o outro e por muitas vezes esquecem-se de si, o quanto neste momento tão difícil necessitam de apoio e compreensão. O suporte psicossocial para a equipe de saúde é essencial na preservação da saúde a curto e longo prazo, especialmente em situação críticas e de estresse. Em março de 2020, o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) ofertou para todos os trabalhadores da enfermagem que precisaram de apoio emocional durante a crise sanitária, um serviço de atendimento contínuo, liderado por enfermeiros com especialização em saúde mental. O serviço foi concedido via chat online no site do Cofen e no site Juntos Contra o Coronavírus (COFEN, 2020).

Outros programas de apoio emocional oferecidos aos trabalhadores da enfermagem incluem atividades psicoeducativas como: a disponibilização de aplicativos com guias explicativos, cartilhas virtuais, manuais, softwares, áudios, vídeos, e-books, contas de Whatsapp e Instagram fornecidos pelos conselhos e grupos de profissionais da psicologia voluntários, além da prestação de serviços de plantões psicológicos fornecidos em hospitais universitários em muitos locais no Brasil (BRASIL, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornou-se evidente que os profissionais da enfermagem vivenciaram períodos de muitas incertezas diante da Covid-19, nessa revisão foi possibilitado refletir sobre o contexto trabalhista em que esses profissionais estão inseridos e atuando há vários anos. Condições precárias de trabalho, destacando a escassez de recursos materiais e suporte humano, jornadas de trabalho exaustivas, salários defasados com muita responsabilidade em suas atividades laborais, além de pouco reconhecimento profissional, abusos, violência, condições que são prejudiciais para a saúde física, mental e social dos trabalhadores que se agravou no período da pandemia. Além de tudo isso, foi contextualizado perda de colegas e familiares que também foi um agravante. Pouco se sabe das consequências desse sofrimento psicológico em longo prazo. Reconhecendo nesses fatores a possibilidade de se apresentar estratégias que pudessem diminuir os impactos negativos deixado pela Covid-19 desses profissionais, para manter a força de trabalho adequada e saudável.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA IM. Proteção a saúde dos trabalhadores da saúde em tempos de COVID-19 e resposta à pandemia. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 2020; 45(e17): 1-10.
2. ALMEIDA RO, et al. Newly undergraduate nurses and intensive care in units of non-critical patients. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2019; 72(1): 243-251.
3. ALVES JS, et al. Psychopathological symptoms and work status of Southeastern Brazilian nursing in the context of COVID-19. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2022; 30: e3518.
4. BARBERIA LG e GÓMEZ EJ. Political and institutional perils of Brazil's COVID-19 crisis. *Lancet*, 2020; 396(10248): 367-368.

5. BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz FIOCRUZ. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: recomendações gerais. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04_0.pdf. Acessado em: 14 de agosto de 2023.
6. BUSNELLO GF, et al. Facing violence in nursing work hospital contexto and primary health care. *Enfermería Global*, 2021; 62: 229-241.
7. COFEN - CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Cofen vai à Justiça contra a Medida Provisória 927. 2020. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/cofen-vai-a-justica-contramedida-provisoria-927/>. Acessado em: 20 de Julho de 2023.
8. COFEN. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Observatório da Enfermagem. 2021. Disponível em: <http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br/>. Acessado em: 20 de Julho de 2023.
9. COFEN. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº 634: Autoriza e normatiza a teleconsulta de enfermagem como forma de combate à pandemia provocada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2. 2020. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-0634-2020/>. Acessado em: 20 de Julho de 2023.
10. DEJOURS C, et al. Por um trabalho fator de equilíbrio. *Revista de Administração de Empresas*, 1993; 33(3): 98-104.
11. DUAN L e ZHU G. Psychological interventions for people affected by the COVID- 19 epidemic. *Lancet Psychiatry*, 2020; 7(4): 300-2.
12. DUARTE PM. COVID-19: A origem do novo coronavírus. *Brazilian Journal of Health Review*, 2020; 3(2): 3585-3590.
13. GÓMEZ-DURÁN EL, et al. Psychological impact of quarantine on healthcare workers. *Occupational and Environmental Medicine*, 2020; 77(10): 666-674.
14. GONZÁLEZ-GIL MT. Nurses' perceptions and demands regarding COVID-19 care delivery in critical care units and hospital emergency services. *Intensive & Critical Care Nursing*, 2021; 62: 102966.
15. HOLMES EA, et al. Multidisciplinary research priorities for the covid-19 pandemic: a call for action for mental health science. *Lancet Psychiatry*, 2020; 7(6): 547-560.
16. HUMEREZ DC, et al. Mental health of Brazilian nursing professionals in the context of the covid-19 pandemic: action of the Nursing Federal Council. *Cogitare Enfermagem*, 2020; 25:e74115.
17. KANG L, et al. The mental health of medical workers in Wuhan, China dealing with the 2019 novel coronavirus. *Lancet Psychiatry*, 2020; 7(3): e14.
18. KHOO EJ, LANTOS JD. Lessons learned from the COVID-19 pandemic. *Acta Paediatrica*, 2020; 109(7): 1323-1325.
19. LAI J, et al. Factors Associated With Mental Health Outcomes Among Health Care Workers Exposed to Coronavirus Disease 2019. *JAMA Network Open*, 2020; 3(3): e203976.
20. LIMA CMAO. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). *Revista Radiologia Brasileira*, 2020; 53(2): V-VI.
21. MIRANDA FBG, et al. Psychological distress among nursing professionals during the COVID-19 pandemic: Scoping Review. *Escola Anna Nery*, 2021; 25(spe): e20200363.
22. MISHRA S. Respect for nursing professional: silence must be heard. *Indian Heart Journal*, 2015; 67(5): 413-415.
23. MISSEL M, et al. A stoic and altruistic orientation towards their work: a qualitative study of healthcare professionals' experiences of awaiting a COVID-19 test result. *BMC Health Services Research*, 2020; 20(1): 1031.
24. PAPPA S, et al. Prevalence of depression, anxiety, and insomnia among healthcare workers during the COVID-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis. *Brain Behavior Immunity*, 2020; 88: 901-907.
25. RIBEIRO AP, et al. Saúde e Segurança de profissionais de saúde no atendimento a pacientes no contexto da pandemia de COVID-19: revisão de literatura. *Rev Bras Saúde Ocup*, 2020; 45: e25.
26. SANTOS SVM, et al. Saúde do trabalhador: 1 ed. Porto Alegre: Sagah, 2019; 179p.
27. SILVA LS et al. Condições de trabalho e falta de informações sobre o impacto da COVID-19 entre trabalhadores da saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 2020; 45: e24.

28. SOMANI R, et al. Systematic Review: Effectiveness of Interventions to De-escalate Workplace Violence against Nurses in Healthcare Settings. *Safety and Health at Work*, 2021; 12(3): 289-95.
29. SOUZA LPS, SOUZA AG. Enfermagem brasileira na linha de frente contra o novo Coronavírus: quem cuidará de quem cuida? *Journal of Nursing and Health*, 2020; 10:e20104005.
30. SWIFT A, et al. COVID-19 and student nurses: A view from England. *Journal of Clinical Nursing*, 2020; 29(17-18): 3111-3114.
31. TEIXEIRA CFS, et al. The health of healthcare professionals coping with the COVID-19 pandemic. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2020; 25(9): 3.465-3.474.
32. THUSINI S. Critical care nursing during the COVID-19 pandemic: A story of resilience. *British Journal of Nursing*, 2020; 29(21), 1232-1236.
33. TORALES J, et al. The outbreak of COVID-19 coronavirus and its impact on global mental health. *International Journal of Social Psychiatry*, 2020; 66(4): 317-320.
34. TRESTON C. COVID-19 in the year of the nurse. *Journal of the Association of Nurses in AIDS Care*, 2020; 31(3): 359-360.
35. UNITED NATIONS. Policy brief: Covid-19 and the need for action on mental health. 2020. Disponível em: [https:// www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief-covid_and_mental_health_final.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief-covid_and_mental_health_final.pdf). Acessado em: 20 de Julho de 2023.
36. WOO T, et al. Global prevalence of burnout symptoms among nurses: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Psychiatric Research*, 2020; 123: 9-20.
37. WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. Coronavirus disease (COVID-19) outbreak: rights, roles and responsibilities of health workers, including key considerations for occupational safety and health. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/who-rights-roles-respon-hw-covid-19.pdf>. Acessado em: 20 de Julho de 2023.